IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

ABORDAGENS SOBRE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NO OLHAR DE DOCENTES DE CIÊNCIAS DAS TURMAS DO 5º ANO DOS ANOS INICIAIS DE UM MUNICÍPIO NO INTERIOR DA BAHIA.

Eixo Temático 09 – Corpos, gêneros e sexualidades no Ensino de Ciências e Biologia: Brechas e outras possíveis contra-hegemônicos.

Ivina Pereira Bitencourt Meira[1]
Marcos Lopes de Souza[2]

RESUMO

O presente resumo trata-se do estudo desenvolvido com docentes de Ciências, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Boa Nova/BA, acerca das abordagens sobre corpo, gênero e sexualidade em suas aulas. O objetivo do estudo é favorecer a problematização das discussões que giram em torno do corpo, gênero e sexualidade. O trabalho está ancorado na matriz dos estudos pós-críticos. Utilizamos a entrevista com os/as docentes participantes do estudo sobre as abordagens envolvendo as questões de corpo, gênero e sexualidade. Como principais resultados o trabalho apontou a reiteração dos binarismos de gêneros, adiamentos das discussões sobre sexualidade e uma perspectiva atrelada ao sistema reprodutor, bem como orientações prescritivas, como meios para modelar os corpos de meninos e meninas.

Palavras-chave: Anos iniciais, Professores/as de Ciências, Corpo, Gênero, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

As questões sobre corpo, gênero e sexualidade estão presentes no espaço escolar, pois além de serem objetos de estudos os quais constituem os sujeitos, estão atravessadas também pela convivência social. Nesse sentido, ao abordar as referentes temáticas, pode-se contribuir para evitar conceitos estereotipados, pensamentos equivocados e atitudes preconceituosas por parte dos(as) estudantes, enfatizando o reconhecimento e valorização das diferenças, sobretudo em um mundo em que o debate sobre a diversidade necessita estar cada vez mais fortalecido no contexto educacional.

[1]Mestra pelo PPG-ECFP da UESB, ivinapb@hotmail.com;
[2]Professor Orientador: Doutor em Educação pelo PPGE, UFSCar - SP, markuslopessouza@gmail.com.

Dentre as diferentes abordagens que podemos destacar na perspectiva do ensino de Ciências, no que diz respeito às turmas do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, optamos por analisar o que os/as docentes dizem sobre corpo, gênero e sexualidade, pois são discussões que ainda geram resistências em muitas(os) professoras(es).

Assim, este artigo objetiva identificar e analisar as abordagens sobre corpo, gênero e sexualidade de docentes do ensino de Ciências dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de três escolas municipais da Rede de Ensino de Boa Nova (BA). A referida pesquisa justifica-se no sentido da necessidade de sistematização e ampliação das possibilidades para se dialogar sobre as questões relacionadas ao corpo, gênero e a sexualidade, bem como impulsionar e fortalecer a discussão no contexto da educação por meio da publicação dos resultados.

Nesse sentido, é pertinente refletir como o currículo oficial escolar valida o processo de homogeneização e padronização dos corpos sob o viés inquestionável da ciência e, ao mesmo tempo, nega, por exemplo, as diferenças culturais, étnico-raciais, de gênero, de sexualidade, geracionais, regionais e mesmo de estética. “De modo que estes processos de escolarização sempre estiveram - e ainda estão - preocupados em vigiar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres” (Louro, 2000, p. 43).

Dessa forma, assim como as questões do corpo, o diálogo sobre gênero também precisa ser favorecido no cotidiano escolar. A partir do pensamento de Meyer e Soares (2005) entendemos que o conceito de gênero privilegia exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções- biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres, por isso muitas vezes nos aproximamos de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis sociais de homens e mulheres em detrimento de abordagens muito mais amplas.

Para Scott (2012) o gênero se configura como um campo político, uma questão ampla, ainda não resolvida que ocupa um lugar de intenso debate, por esta razão é uma temática problematizadora que não deve estar distante do processo de formação das/dos estudantes.

Silva (2015) aprofunda o debate ao apontar que homens e mulheres são produzidos no âmbito da cultura, Assim, é notório perceber as formas de reiteração e investidas das diversas instâncias nesta produção, não fogem a regra: a escola, a religião e também os materiais didáticos utilizados no espaço escolar.

No que tange à sexualidade, o espaço escolar é, em geral, carregado de receios e entraves em lidar com a temática. Sobre o seu conceito, Foucault (1988) reitera que a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico baseado nos controles e resistências, segundo grandes estratégias de saber e poder.

Para Silva (2015) O pensamento hegemônico de que a sexualidade está concebida com base no pensamento biológico essencialista desconsidera outras matrizes plurais tão necessárias para o melhor entendimento do contexto, nos quais, os sujeitos se desenvolvem e constituem as suas experiências.

METODOLOGIA

Esta investigação está pautada nos estudos pós-críticos e pós-estruturalistas e, portanto, esta escrita compreende as questões de corpo, gênero e sexualidade como produções socioculturais refutando as perspectivas essencialistas e fixistas; contestando a verdade universal e inquestionável; apoia-se na produção de certezas provisórias. (Louro, 2007).

A escolha da entrevista semiestruturada como instrumento para produção do material empírico corrobora com o pensamento de Lüdke e André (1986) quando esclarecem que este instrumento é considerado o que mais se adapta aos estudos do ambiente educacional por apresentar um esquema mais livre, já que permite ainda maior flexibilidade no momento de entrevistar os(as) professores(as), os(as) estudantes. Assinalamos que durante o movimento de análises destas entrevistas com os/as professores/as utilizaremos pseudônimos para apresentar as narrativas: Inara, Macedo e Nicete.

A nossa perspectiva de análise das entrevistas é inspirada em alguns autores e autoras, os/as quais dialogam com os estudos pós-críticos, foucaultianos e pós-estruturalistas, tais como: Louro (1997), Paraíso (2012), Meyer e Soares (2005), Silva (2015), Foucault (1996) dentre outros, permitindo assim processos de desconstruções e desestabilizações dos rótulos impostos, abalados pelos movimentos também de leituras, as quais podem apontar para novas indicações, novos aprendizados e transformações (Paraíso, 2012).

Assim, ocupamo-nos do já conhecido/estável para interrogar, problematizar rever os saberes produzidos, compreendendo as possibilidades das mudanças necessárias que tudo se configura como construção e que estas não ocorrem de modo isolado, mas que estão diretamente entrelaçados nos movimentos culturais, políticos e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas desenvolvidas com três docentes de Ciências das turmas do 5º ano, elaboramos a dimensão problematizadora intitulada: "Verdades construídas pelos/as professores/as em relação às abordagens das questões sobre corpo, gênero e sexualidade no ensino de Ciências nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental." Nesta dimensão, procuramos analisar algumas das verdades construídas pelos/as professores/as em relação às abordagens das questões sobre corpo, gênero e sexualidade no ensino de Ciências. Assim, destacamos o pensamento do professor Macedo ao evidenciar em seu discurso as dificuldades de se trabalhar com a temática no contexto escolar:

> *"Ainda é bem tímido dentro da escola e eu vejo a necessidade de mais formação, de mais estudos quanto a essa questão" (*Prof. Macedo).*

O relato do docente caracteriza-se como uma afirmação corriqueira entre os/as professores/as, sobretudo no que tange às questões de sexualidade. Há discursos de insegurança, receios, lacunas no processo de formação, o que de alguma forma, na visão destas/es profissionais, inviabiliza a condução do trabalho a ponto da temática ser pouco discutida nesta etapa do ensino fundamental gerando consequências. Como nos traz Felipe (2000) ao assinalar que as escolas que não proporcionam abertura para se dialogar gênero e sexualidade com seus alunos e alunas estão educando-os/as parcialmente.

Sobre isso, a professora Nicete relata uma particularidade ao trabalhar a temática da sexualidade na sua turma de 5º ano:

> *"Em 2018, a gente trabalhou com o livro. Além dele ter algumas questões relacionadas a esse tema é... percebemos a necessidade de aprofundar mais um pouco, né, sobre o assunto e resolvemos fazer uma divisão com a turma, eu juntamente com o professor Macedo. E nós separamos por gênero né: as meninas ficaram comigo e os meninos ficaram com ele. E a gente trabalhou mais detalhado né sobre o assunto" (*Profa. Nicete).*

Nicete apresenta um discurso binário de gênero que evidencia a separação entre homem e mulher. Além disso, há uma evidente preocupação em que a professora, por ser mulher, conduza as discussões para as meninas e o professor, por ser homem, para os meninos, reafirmando o binarismo e a separação por sexo/gênero.

Nesse sentido, a dicotomia e demarcação entre gêneros presentes no discurso da docente caracteriza-se como um ponto que, tradicionalmente, é realçado pelo contexto cultural, o qual opera na manutenção do caráter da oposição binária masculino-feminino. Louro (2007) explica que o pensamento moderno foi e é marcado pelas dicotomias, sendo que essa dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento. Aprendemos a pensar e a nos pensar dentro dessa lógica e abandoná-la pode não ser uma tarefa simples.

Comumente, na escola, é feita essa separação e a proibição de junção das meninas com os meninos, sobretudo, nos anos iniciais do ensino fundamental. Ou seja, a escola ensina as meninas a serem meninas e os meninos a serem meninos. Separam-se as filas, os brinquedos, as carteiras da sala de aula e até nos momentos de recreio com o propósito de (re)produzir a distinção entre o que é ser menina e menino. Nesta perspectiva, a professora Inara apresenta uma preocupação no que se refere ao trabalho com as questões de corpo, gênero e sexualidade com a sua turma, ao declarar:

> *"Nós exploramos muito a questão da transformação do corpo né? Quando eles partem pra puberdade que muitos não têm aquele cuidado, a questão da higiene, deles perceberem porque que estão, a questão dos pelos, a mudança de voz. Tudo isso a gente conversa, a gente trata também de assuntos relacionados à gravidez, aos métodos né, as DSTs que muitos acabam vendo surgir algumas coisas e não entendem também que aquilo pode ser através de uma relação sexual sem prevenção" (*Profa. Inara).*

A docente em questão evidencia uma abordagem da sexualidade atrelada ao discurso heterorreprodutivo e, no caso, enfocando para os sistemas genitais e as formas para evitar esta reprodução, por meio da abordagem da gravidez tomada como indesejada. Também há uma preocupação em demarcar as determinadas mudanças no corpo com a puberdade, a fim de que os meninos e meninas fiquem alertas sobre cada acontecimento tomados como característicos desta fase.

Com base no pensamento de Inara, constatamos uma preocupação excessiva em focalizar as dimensões anatômico-fisiológicas fixas dos corpos, com a intenção de adiar a iniciação sexual para uma fase mais madura de suas vidas e também na ênfase com comportamentos prescritivos pautados ainda nos discursos de prevenção e modelamentos.

Sobre isso, a autora Jane Felipe (2000), que as práticas ligadas ao disciplinamento e prescrições sempre estiveram presentes, fornecendo as inúmeras regras e comportamentos adequados, em relação às práticas sexuais que homens e mulheres precisam apresentar na

convivência em sociedade, e é claro, os pudores e vigilância estão atrelados aos corpos e a sexualidade, objetivando assim os seus cerceamentos. E na construção destes regimes de verdades, também devemos problematizar quais discursos foram autorizados para serem considerados como verdadeiros e quais outros ainda foram silenciados (Veiga Neto, 2007).

Segundo este autor, a verdade está centrada no discurso científico e nas instituições que o produzem, sendo amplamente difundida tanto por meio das instâncias educativas quanto pela informação (Revel, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange aos nossos resultados acerca das verdades construídas pelos/as docentes sobre as questões de corpo, gênero e sexualidade, há uma ênfase da sexualidade no olhar dos/as docentes pautadas na discussão da reprodução, descrição dos órgãos genitais da mulher e do homem cis, com alertas também para formas de prevenção da gravidez considerada indesejada nesta fase da vida dos/das estudantes.

A prescrição é também presente ao abordar sobre a higiene do corpo, da necessidade do asseio para evitar as doenças. Outro ponto é a preocupação em preparar os/as jovens para a fase das transformações com o corpo, a puberdade, dando destaque para os acontecimentos considerados característicos da fase e ainda uma hierarquização, no que diz respeito à faixa etária dos/das jovens. Há uma necessidade de conhecer melhor o corpo para vigiar e controlar, desconsiderando outros aspectos dos contextos culturais e sociais dos/das estudantes. No que diz respeito aos binarismos de gêneros encontramos narrativas dos/as docentes com vistas para o fortalecimento destes posicionamentos.

Chamamos atenção neste sentido que, tais questões podem ainda produzir desigualdades entre homens e mulheres, garotos e garotas e reforçar distinções, discriminações e hierarquias. Mas, nestes espaços, discursos podem ser desnaturalizados e desconstruídos e rupturas podem ser introduzidas, numa transformação constante de relações de poder estabilizadas (Meyer; Paraíso, 2012).

Reitera-se ainda, que, sobre os cursos de formação de professores/as dos anos iniciais, a abordagem pedagógica de temas relevantes para a sociedade deve se apresentar de maneira contínua e problematizadora, apontando para a necessidade das temáticas, tais como, o corpo,

gênero e sexualidade serem discussões presentes nos processos de formação docente, mesmo que isso gere tensões e dissensos. É importante mencionar ainda sobre a necessidade de se fomentar cada vez mais novas pesquisas no campo das discussões, as quais giram em torno do corpo, gênero e sexualidade de modo a contribuir e fortalecer a caminhada em prol da construção de uma sociedade mais justa, equânime e plural.

REFERÊNCIAS

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade**. Educação e Realidade**, v. 25, n. 1, p. 115-131, jan./jun., 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em revista**. Belo Horizonte, n.46 p. 201-218, dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, p. 59-76, jul./dez. 2000.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. - São Paulo: EPU, 1986.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. Modos de ver e de se movimentar pelos "caminhos" da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; MEYER, Dagmar Estermann. (Orgs.). **Metodologias pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-47, 2012.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Editora Claraluz. São Carlos, 2005.

SCOTT, Joan. Usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. **Periódicus,** 2. ed., p. 1–15, nov. 2014/abr. 2015. Disponível em:<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/128/9195>. Acesso em: 27 dez. 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. RJ: Lamparina editora, 2007, p. 23-38.